

DAS LUTAS AO FUTEBOL: O QUE ESTÁ EM JOGO?

EMEF Dona Jenny Gomes

Prof^a Nyna Taylor Gomes Escudero

RESUMO

Este trabalho diz respeito ao estudo sobre o futebol, o qual tematizou inicialmente o futsal, vivido pela 8ª série C da EMEF Dona Jenny Gomes no ano de 2013, estendendo-se por cinco meses. A escola, situada à Zona Leste da cidade de São Paulo, é supervisionada pela Diretoria Regional de Educação da Penha. Com o objetivo de eleger a prática corporal a ser estudada realizei um mapeamento que apontou para o estudo das lutas, contudo após meu afastamento para exercer outra função na Diretoria Regional de Educação, a retomada desse mapeamento não foi tranquila. O posicionamento dos alunos representava uma resistência declarada à retomada do estudo das lutas, em contrapartida, defendiam a prática do futebol alegando que ele apareceu no mapeamento. Avaliei que talvez aquele embate não fosse salutar porque o problema, a meu ver, estava para além das lutas e que a luta que eu teria que travar não era essa, mas pela resignificação das aulas de Educação Física, como espaço de produção e de aprendizagens, era isso que estava em jogo. O estudo regado inicialmente por embates e conflitos, a cada atividade proposta, foi se mostrando mais interessante. Por meio das atividades de pesquisa registradas e socializadas, os alunos puderam entender onde o futsal, por eles conhecido, começou a sua trajetória. Em razão dos discursos naturalizantes e preconceituosos que colocavam o futebol como uma prática estritamente masculina e como o esporte eleito por todos os brasileiros, promovi leitura de vídeos, dos jogos dos próprios alunos, das vivências, bem como visitas dos campeões de futsal e de uma arbitra da Federação Paulista. Trazer representantes da prática corporal estudada, promover situações didáticas de registro, análise, exposição, interpretação, comparação, no caso da questão feminina, embora não tenha sido num nível de aprofundamento que pudesse ampliar o olhar para o futsal, como seria desejável, possibilitou colocar em xeque as representações dos alunos acerca: do futebol como o esporte eleito por todos os brasileiros; da inabilidade feminina para o futebol e das aulas de Educação Física como um espaço majoritariamente dedicado à prática, ao fazer pelo fazer.

Palavras chave: **Futsal, Lutas e Representações**

DAS LUTAS AO FUTEBOL: O QUE ESTÁ EM JOGO?

EMEF Dona Jenny Gomes

Prof^a Nyna Taylor Gomes Escudero

O presente relato narra a experiência de estudo sobre o futebol vivido pela 8^a série C da EMEF Dona Jenny Gomes, no ano de 2013, estendendo-se por cinco meses. A escola, situada na Zona Leste da cidade de São Paulo e supervisionada pela Diretoria Regional de Educação da Penha, atende uma média de 1000 alunos do Ensino Fundamental - distribuídos em três turnos, sendo o noturno oferecido às turmas da Educação de Jovens e Adultos.

Fundamentou-se na perspectiva cultural do componente, perspectiva essa que concebe o movimento humano como uma forma de linguagem desprendendo-se, portanto, dos pressupostos da biologia. Assim sendo, entende que o movimento humano comunica significados, os quais são construídos culturalmente.

Buscando aproximar-me dos alunos, iniciei o mapeamento pelos espaços em torno da escola a fim de conhecer quais práticas corporais a comunidade vivenciava e quais estão presentes no universo experiencial dos alunos, com a intenção de selecionar a manifestação cultural corporal que iríamos estudar. De posse dessas informações e já conhecendo os recursos físicos e materiais da escola dos quais a Educação Física pode se valer. Chamei a atenção para a necessidade de um caderno, com vistas a documentar o estudo iniciado pelo mapeamento e acompanhar as aprendizagens; mudanças no mapa inicial, bem como os equívocos que por ventura possam emergir das situações didáticas.

Elaborei um questionário, o qual me permitiu conhecer as práticas corporais acessadas por eles, não apenas pela vivência, como também aquelas que eles acessam por meio das mídias, bem como informações de cunho pessoal. A aplicação do questionário foi inicialmente individual, posteriormente, dada a minha intenção de implicá-los na escolha da manifestação cultural a ser estudada, foram reunidos em grupo, a fim de que pudessem tabular os dados coletados registrando-os no papel. Após o exercício, fizemos a síntese na lousa da mesma maneira que foi feita na folha de papel. Esse movimento foi registrado por meio de fotografia. Terminada esta etapa, passamos a analisar as respostas colhidas.

Para decidirmos pelo objeto a ser estudado, procuramos agrupar as respostas que se aproximavam, tornando possível a elaboração das seguintes categorias: **Esporte** referiu-se a: futebol, vôlei, tênis, ginástica, handebol e basquete; **Luta** referiu-se a: tae kwon do,

karatê e luta simplesmente; **Esportes sobre rodas** referiram-se a: bicicleta, skate e patins; **Dança; Brincadeiras** referiram-se a: rouba bandeira, bolão, base quatro e queima.

Para a seleção da prática corporal adotamos como parâmetros dois princípios do currículo cultural: **reconhecimento das identidades culturais**¹ e a **descolonização do currículo**². A partir daí adotamos dois critérios: as práticas já vivenciadas pelos alunos deveriam ser descartadas; e a escolha da manifestação deve considerar os recursos físicos e espaciais. A dança e a luta apresentaram possibilidade de estudo, pois atendiam aos critérios acima mencionados.

O encontro seguinte foi pensado com o objetivo de ampliar as informações, realizando o mapeamento dos saberes dos alunos acerca das lutas. As aulas tinham início com a leitura do relatório feito na aula anterior, na maioria das vezes por mim, já que até o momento essa prática ainda se mostrava estranha para os alunos, principalmente por se tratar de aulas de Educação Física. Passei então a mapear os saberes dos alunos acerca das lutas com a seguinte questão: Quando ouvem falar em lutas, o que vocês pensam? As respostas ora referiam-se aos lutadores, ora aos nomes das lutas: boxe; capoeira; taekwon do, muay thay; MMA; vale tudo; jiu jitsu; hapkidô; esporte; exercício; competição; trabalho-profissão; UFC; sangue; orelha amassada; WWE; esgrima; karatê; kung fu; sumô; greco-romana; Anderson Silva; Minotauro; Vitor Belfort; Vanderlei Silva; Cigano; José Alves.

A exemplo do exercício com o primeiro mapeamento solicitei que juntos pensássemos nas lutas que mais se aproximavam da nossa realidade. Aqui me referi ao nosso país. Foi então que o grupo conseguiu eleger duas categorias, a saber: lutas ocidentais: **Boxe, Capoeira, MMA e Vale tudo** e lutas orientais: **Taekwon do, Muay thay, Jiu jitsu, Hapkidô, Karatê, Kung fu, Sumô Luta Greco-romana**. Nesse momento surgiram às primeiras dúvidas sobre quais de fato eram de uma ou de outra categoria. Sugeri que anotassem os dois mapas e buscassem investigar o que caracteriza uma luta oriental e o que a diferencia de uma luta ocidental. A decisão sobre o ponto de partida do estudo considerou o critério aproximação mencionado acima, sendo a Capoeira a prática corporal eleita. A partir daí, perguntei se algum aluno já havia lutado capoeira. Como resposta obtive outra pergunta: Professora capoeira é luta ou esporte, ou será jogo? No currículo cultural professores e alunos se transformam em investigadores da prática

¹ Permite articular a cultura corporal dos alunos, da família, do bairro como a manifestação corporal a ser investigada.

² Visa trazer para a pauta, manifestações da cultura corporal que tem estado ausentes do currículo.

estudada. Sendo assim, as respostas às perguntas que emergirem no decorrer do estudo devem ser buscadas por todos os envolvidos.

Antes de irmos para quadra perguntei se a classe sabia algo sobre os praticantes de capoeira, sobre os movimentos, enfim sobre a dinâmica. Já que ninguém manifestou conhecimento sobre essa prática, fomos para a nossa primeira experiência. Comecei dizendo que a capoeira era praticada em roda, a partir daí, os alunos mais experientes, os quais se calaram após a minha pergunta na sala de aula, arriscaram alguns elementos: ginga, golpe, malabarismo, berimbau, chocalho, tambor, cordão e alguém mencionou *street fighter*³. Perguntei se alguém poderia explicar para o grupo como se faz a ginga. Como não apareceram voluntários, expliquei didaticamente como realizar o movimento e ao fazê-lo, alguns alunos começaram a ajudar com informações do tipo: “não pode cruzar o pé atrás”; “precisa ficar mais baixo, assim fica mais fácil”; “o braço também participa do movimento”. Aproveitando essas observações, dividi os alunos em grupos e sugeri que aqueles que estavam contribuindo liderassem a condução da ginga, os alunos não se opuseram, mas também não se sentiram à vontade. A situação ficou mais confortável quando eu fui passando pelos grupos, dando importância às orientações dos colegas e estimulando a realização do movimento de acordo com o que eles orientavam. Deste modo, penso que eles se sentiram autorizados a ensinar a ginga e portadores de um conhecimento validado. Finalizei a aula com o encaminhamento para próxima vivência. Todos deveriam pesquisar os golpes da capoeira para que pudéssemos experimentar.

O trabalho foi interrompido porque me afastei para ocupar outra função na Diretoria Regional de Ensino.

Ao retornar à escola, investiguei o que fora realizado pelos professores que assumiram as aulas. Constatei que o estudo das lutas havia ficado pelo caminho e que os alunos defendiam a dinâmica até o momento empreendida, qual seja, a sucessão de atividades com características lúdicas. Contudo sabiam que eu estava advogando em favor do trabalho já realizado e então argumentaram que o futebol também estava no mapeamento e que eles não gostavam de luta, que não iriam fazer porque não queriam se machucar, entre outras justificativas. Ponderei que talvez aquele embate não fosse salutar porque o problema, a meu ver, estava além das lutas e que a luta que eu teria que travar não era essa, mas a luta pela ressignificação das aulas de Educação Física como espaço de

³ Street Fighter é uma popular série de jogos de luta na qual o jogador controla lutadores de diversas partes do mundo, cada qual com seus golpes especiais. A série é propriedade da empresa de jogos Capcom e teve seu primeiro jogo lançado em agosto de 1987.

produção e de aprendizagens. Era isso o que estava em jogo. Naquele momento entendi que começar o trabalho com o futebol seria o mais sensato a fazer.

Começamos então mapeando os conhecimentos dos alunos sobre o futebol: futebol de campo; de areia; aquático; americano; *society*; fifa *street*; de várzea; de botão; de prego; pebolim; futevôlei e *showbol*. Perguntei se eles estavam acompanhando os acontecimentos sobre a Copa das Confederações e Copa do Mundo. Os mesmos que estavam participando responderam afirmativamente. Perguntei se eles sabiam por que se realiza um evento como a Copa das Confederações um ano antes da Copa do Mundo, qual o sentido disso? Um dos alunos arriscou dizendo que era um evento teste para a Copa do Mundo. Outro disse que a Copa das Confederações nada tinha a ver com o futebol, compreendi o descontentamento por parte de alguns alunos em relação à forma adotada para a condução da aula e para o estudo do futebol, então, lancei a pergunta: qual é o esporte disputado na copa das confederações? Naquele momento deixei evidente que o nosso estudo não se restringiria a ir para quadra, escolher os times e jogar. Para tentar envolver aqueles que não participaram, perguntei o que seria preciso para ser um jogador ou para conseguir jogar futebol. Os alunos se remeteram às habilidades: tocar, dominar e conduzir a bola; saber chutar; ter visão de jogo.

Na aula seguinte a atenção estaria no mapeamento da vivência do futsal inicialmente, já que a quadra estava acessível para a prática. Pedi que dividissem os times. Minha orientação logo foi acompanhada de uma pergunta: vamos ter que jogar com as meninas? Respondi que não, eles deveriam jogar como o jogo se apresenta socialmente, perguntei se conheciam alguma modalidade de futsal mista. Responderam não e rapidamente a classe se dividiu em dois times que aparentemente são adversários há algum tempo. Já as meninas, não mostraram interesse em se organizar, bem como, alguns meninos que ficando de fora dos times já organizados, não queriam participar justificando que não gostavam. Para viabilizar a participação de todos, determinei que quem não estivesse jogando teria que registrar a sua observação sobre o jogo dos colegas. Dividi o tempo de tal forma que todos teriam que passar pelos dois papéis, ora de jogador, ora de analista.

O encontro seguinte foi iniciado com a leitura do meu relato que deu destaque para: a ocupação do espaço, o trabalho coletivo, o conhecimento das regras, complementado pelos alunos que fizeram referência ao número de gols, às brigas e a falta de habilidade das meninas. Dessa atividade emergiram **três eixos** para serem estudados: **as regras, a ocupação do espaço e a falta de habilidade das meninas**. Tentando

problematizar o terceiro eixo questionei sobre quais práticas corporais consideravam masculinas e femininas, e por que as meninas não desenvolveram a mesma habilidade que os meninos daquele grupo para o futebol? Responderam que as meninas se interessam por coisas diferentes dos meninos. Por que será? Perguntei. Pedi para que pensassem sobre o assunto e relacionassem as atividades para discutirmos posteriormente. Na sequência retomei a análise do jogo. Percebendo a insuficiência de destaques dados pelos alunos, elaborei uma atividade de análise coletiva. Propus a análise de um jogo de futebol de salão de dois times desconhecidos: Carlos Barbosa contra CSM Futsal_FME Jaraguá. Sugeri que observassem se havia alguma regularidade na movimentação dos jogadores, se conseguiam perceber alguma situação que se repetia na ação dos atletas e o que mais chamasse a atenção deveria ser registrado no caderno, para que ao final do vídeo pudéssemos trocar nossas observações. Após a assistência, os alunos fizeram os seguintes destaques: “sabem passar a bola”; “se movimentam rápido”; “velocidade”; “visão de jogo” e “tabelas”. Dando continuidade propus a leitura de um vídeo sobre táticas, pensando na questão do espaço.

Evidente que o objetivo da atividade não foi o aprimoramento ou a melhora do desempenho tático do grupo, pretendia fazê-los pensar uma organização para o jogo dos diferentes times da 8ª C. O grupo teve dificuldades de entender as movimentações, então sugeri que escolhessem uma, para que pudéssemos reproduzi-la na quadra.

Aproveitando os comentários do aluno F pedi que viesse à lousa e tentasse ajudar o grupo a entender. Trata-se de um aluno que adora jogar futebol e um dos que resistiam as atividades que envolviam discussão, reflexão, investigação e registro. Sugeri que ele fosse mostrando o deslocamento separadamente. Desenhei pequenas quadras até conseguirmos concluir a movimentação. Após esse exercício fomos para a quadra e pedi que se organizassem em grupos de quatro para repetir a movimentação dos jogadores do vídeo. Para alguns alunos foi muito difícil, mas conseguiram entender os deslocamentos. Esse era o meu objetivo, uma vez que tal entendimento ajuda na leitura e compreensão do jogo. Ao final da aula, pedi que registrassem no caderno as diferenças entre o próprio jogo e o do vídeo da partida Carlos Barbosa x Jaraguá e perguntei aos alunos N e G se poderia começar a aula lendo seus registros. Eles pediram para fazê-lo em dupla.

Os destaques apresentados pelos alunos na aula seguinte revelaram certa dificuldade para nomear as diferenças entre o jogo deles e o apresentado em vídeo, contudo, embora superficiais, pensei que em uma nova leitura, após as discussões desta aula, aspectos antes não percebidos poderiam compor o rol dos destaques dos alunos. Como atividade de aprofundamento, no encontro subsequente, o assunto abordado foi as

regras do futsal. Dividi a turma em 10 grupos com cinco temas. Cada grupo deveria ler o material contendo as regras oficiais que distribuí e retirar dali, o que achasse imprescindível saber para poder participar de um campeonato ou apreciar criticamente um jogo de futsal. Procurei conversar com cada grupo orientando-os a não fazer resumos, mas a destacar o que considerasse mais importante. Mas o comportamento e a fala de alguns me fizeram pensar uma atividade que pudesse discutir e colocar sob suspeita, o discurso de que todos gostam de futebol.

Iniciei a aula escrevendo na lousa a frase de Millôr Fernandes: “O futebol é o ópio do povo e o narcotráfico da mídia”. Em seguida, lancei as seguintes questões: “Todo mundo gosta de futebol? Quem é que disse que o Brasil é o país do futebol? O que faz vocês acreditarem e afirmarem que todos querem jogar futebol se quando vamos vivenciá-lo, apenas um grupo pequeno é que desfruta desse jogo? Que poder é esse que faz vocês acreditarem nisso?” Pedi para que pensassem nas minhas perguntas e analisassem a frase escrita na lousa. Para essa análise foi preciso esclarecer o significado das palavras ópio e narcotráfico. Os posicionamentos emitidos levantaram algumas hipóteses explicativas: “As pessoas são viciadas no futebol”; “se as pessoas fossem menos viciadas em futebol talvez a situação da saúde fosse melhor, a mídia não lucraria tanto”. O grupo comentou que a mídia manipula as pessoas e faz o povo acreditar no que ela acha interessante. Comentei que é preciso desconfiar do que a mídia traz para dentro de nossas casas. Essa atividade revelou uma participação significativa e diferenciada dos alunos em relação às atividades anteriores, nas quais eram chamados a opinar.

Após retornarmos do recesso do meio do ano, na primeira aula, contei a história do futsal também chamado “esporte da bola pesada”. Na sequência, para ampliar o olhar sobre o futsal, pedi que escolhessem um dentre os temas que estavam na lousa, para pesquisar e trazer na próxima semana: participação feminina; torneios; organização de torneios e destaques brasileiros dessa prática. Nessa aula, a atenção e a participação dos alunos foi surpreendente.

A insistência para participarem de campeonato fora da escola, me fez pensar em um campeonato organizado pelos alunos que envolvesse as demais séries do ciclo II. Conversei com as três oitavas séries envolvidas no estudo, mas disse que para dar cabo de um evento desse porte precisariam retomar o que já foi estudado e realizar a pesquisa solicitada, principalmente no que se refere à organização de torneios. As três séries assumiram o compromisso de realizar e entregar as pesquisas. Após a entrega e a socialização começaríamos a organizar o torneio que encerraria o estudo sobre o futsal.

Continuando o aprofundamento, recebemos a visita de três campeões de futsal: Miral, campeão mundial; Banzé e Batata campeões paulistas de futsal. Os atletas contaram suas experiências, trouxeram vídeos de seus jogos e responderam às questões elaboradas previamente pelos alunos: “Há quantos anos jogam?”; “Qual foi o melhor ano deles no futsal?”; “Com quantos anos começaram a jogar?”; “Como eles combinam as estratégias de jogo?”; “Quais são os códigos que utilizam?”; “Um time de várzea pode virar profissional?”; “Antes do jogo vocês rezam?”; “Em quais situações os jogadores punidos podem voltar ao campo?”; “Quem é responsável por controlar o erro técnico?”; “Qual a importância da FIFUSA para o futsal e porque a FIFA é que comanda o futsal?” Na sequência foram para a quadra e os atletas realizaram o que denominaram de “clínica de futebol”. As perguntas e a interação com os atletas revelaram certo conhecimento sobre o futebol, não há como negar que o comportamento dos alunos me fez pensar que todos os conflitos e embates não foram em vão.

Em continuidade, recebi as pesquisas e começamos a dividir as tarefas. A 8^a A ficou responsável pela divulgação, inscrição, preenchimento e atualização das tabelas. Nessa turma selecionei cinco alunos para atuarem como *staffs* (ajudantes). À 8^a B ficou a tarefa de elaborar o regulamento, bem como a montagem e desmontagem do campo de jogo (colocação e retirada de rede, mesas e cadeiras). Por fim, a 8^a C foi responsável pela arbitragem. No caso específico dessa turma, o estudo feito com as regras ajudou-os a definir a atuação de cada um, durante o evento. Elegeram o grupo de arbitragem masculina; o grupo de arbitragem feminina; os cronometristas e os mesários.

Reunidos na sala de Educação Física fomos retomando o estudo das regras e esclarecendo as dúvidas. Nesse momento não notei diferença de desempenho entre meninos e meninas, então perguntei o que os meninos achavam da participação e contribuição das meninas nesse trabalho. Afirmaram que as meninas conheciam muito sobre as regras e que certamente iriam contribuir de igual para igual. Aproveitei e comuniquei que na semana seguinte contaríamos com a presença de uma árbitra da Federação Paulista de Futsal, a Aline Nascimento. A visita da Aline, que também é professora de Educação Física da rede municipal de ensino, visou contribuir com as atividades relacionadas ao eixo sobre a falta de habilidade das meninas e a participação feminina. Os alunos avaliaram que a exposição contribuiu sobremaneira para o nosso estudo.

Considero que trazer representantes da prática corporal estudada, promover situações didáticas de análise, exposição, interpretação e comparação no caso da questão

feminina, ampliou o olhar sobre o futsal, como era desejável e possibilitou colocar em xeque as representações dos alunos acerca do futebol como o esporte eleito por todos os brasileiros; da inabilidade feminina para o futebol e das aulas de Educação Física como um espaço majoritariamente dedicado à prática, ao fazer pelo fazer. O estudo do futsal foi encerrado com a realização do torneio iniciado no dia 17 de outubro com uma bela solenidade de abertura. Vale destacar a atuação do aluno R, que espontaneamente leu um pronunciamento por ele escrito, o qual acolhia a todos, mencionava o caráter agregador do evento, a importância de todos se respeitarem para que esse pudesse ser o primeiro dos muitos torneios que os alunos do Jenny ainda poderiam vir a vivenciar. O projeto encerrou-se no dia 23 do mesmo mês com outra solenidade, premiação dos primeiros colocados e com uma apresentação cultural que prestigiou uma garota cantora da comunidade.

Referências Bibliográficas

História do Futsal - FMFutsal. disponível em:

www.fmfutsal.org.br/futsal/historia-do-futsal/ Acesso 26/07/2013

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, currículo e cultura**. São Paulo: Phorte, 2009.

O esporte da bola pesada que virou uma paixão. Disponível em:

<http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/cbfs/origem.php>. Acesso em 26/07/2013

O futebol de salão: outra versão da história. Disponível em

www.futsalrs.com.br. Acesso 26/07/2013

<http://www.jornaldofutsal.com.br/mundofutsal.php?grupo=4&show=historia>

<http://www.futsaldobrasil.com.br/portal/liga2013/RegulamentoLigaFutsal2013.pdf>

Acesso 26/07/2013

Livro Nacional de Regras 2013. Disponível em:

http://www.futsaldobrasil.com.br/2009/cbfs/Livro_Nacional_de_Regras_2013.pdf

Acesso 15/08/2013

Táticas de futsal completo Disponível em: www.youtube.com/watch?v=yKwI8jdk8is.

Acesso 27/05/2013